

A disrupção das práticas em laboratório no ensino de Jornalismo

The disruption of laboratory practices in journalism teaching

Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo



MARCO AURELIO REIS¹

RESUMO

A produção de conteúdo jornalístico prático e sua distribuição para além da sala de aula sempre encontrou um entrave relacionado aos custos e à prática isolada nas disciplinas em laboratórios dos cursos de Jornalismo. Este relato apresenta uma estratégia possível para o docente dessas disciplinas tirar proveito da era digital para superar tais questões operacionais. A partir do fato segundo o qual a própria indústria jornalística passa por um processo de disrupção, o relato indica um modelo de baixíssimo custo capaz de garantir a produção de qualidade em sala de aula e sua distribuição, aliada a uma experiência *crossmidiática* real para os estudantes. Para tanto, sugere o uso ativo das redes sociais e de sites colaborativos.

PALAVRAS-CHAVE

Jornais. Disrupção. Laboratório Jornalístico. Crossmídia.

ABSTRACT

The production of content and its distribution beyond the classroom always found an obstacle related to financial costs and isolated practice in the disciplines in the laboratories of journalism courses. This report presents a possible strategy for teaching these disciplines take advantage of the digital age to overcome these operational issues. From the fact that the very newspaper industry goes through a disruption process, the report indicates a model of very low financial cost able to ensure quality production in the classroom and distribution, combined with a real *crossmediática* experience for students. Therefore, it suggests the active use of social networking and collaborative sites.

KEYWORDS

Newspapers. Disruption. Journalistic laboratory. Crossmedia.

Recebido em: 17/09/2016. Aceito em: 12/12/2016.

¹ Doutor e mestre em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bacharel em Jornalismo pela UFRJ. Professor do curso de Jornalismo da Universidade Estácio de Sá (Estácio). E-mail: mreis1968@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9146342719190691>.

A disrupção das práticas em laboratório no ensino de Jornalismo

1 INTRODUÇÃO²

O presente estudo parte de um problema comum à quase totalidade dos cursos de Jornalismo no Brasil, onde nota-se o funcionamento isolado dos laboratórios de prática de jornalismo impresso, radiojornalismo, telejornalismo e webjornalismo. Entende-se este isolamento como problema, uma vez que nas redações de jornais, emissoras de rádio e de TV e sites jornalísticos ele não mais ocorre no atual momento de disrupção dos veículos de comunicação no Brasil e no mundo.

Neste cenário, passou a ser comum o repórter de jornal fazer uma chamada audiovisual ao vivo sobre o conteúdo que está escrevendo para a empresa onde trabalha exibir na internet. Esse mesmo repórter faz, em inúmeras vezes, as fotos que vão ilustrar sua reportagem. Repórteres de rádio e de TV fazem vídeo e postam na rede social chamadas para o conteúdo que vai ao ar logo depois. Repórteres de site consolidam informações postadas durante todo o dia para serem publicadas no jornal impresso do grupo de comunicação onde atuam na manhã seguinte.

O presente estudo aponta para a possibilidade desse cenário ser levado para os laboratórios dos cursos de Jornalismo, complementando a formação dos estudantes sem atrapalhar a didática do ensino prático da atividade profissional. A hipótese é que articulando o trabalho dos diferentes laboratórios com o objetivo de produzir um conteúdo final coletivo, cada grupo de alunos, de diferentes períodos letivos, aprofundará seus conhecimentos no laboratório em que está matriculado e, ao mesmo tempo, entenderá como essa prática se articula com outras práticas e competências profissionais no atual momento dos meios de comunicação.

O relato a seguir se baseia na experiência desenvolvida, no primeiro semestre de 2016, com os alunos dos laboratórios de *Planejamento Gráfico em Jornalismo* (3º período) e de *Práticas de Jornalismo Multimídia* (6º período), do curso de Jornalismo, do Campus João Uchôa, da Universidade Estácio de Sá no

² O artigo apresenta resultado de pesquisa com o apoio do programa para bolsista em produtividade da UNESA/2016.

Rio de Janeiro (UNESA/RJ). A iniciativa de convergência dos laboratórios³ buscou aliar teoria e prática, usando como metodologia a observação participante para o estudo de caso.

Cabe destacar que estudo de caso ou caso de estudo é uma metodologia usada pelas Ciências Sociais, que busca dados qualitativos a respeito de uma unidade particular, seja uma pessoa, um grupo de pessoas, uma empresa ou departamento dessa empresa. No presente trabalho, buscou-se o tipo explanatório explicativo (YIN, 2001), agrupando dados experimentados em mais de um laboratório do curso de Jornalismo para alcançar a produção e distribuição de conteúdo a baixo custo ou gratuitamente, integrando estudantes de diferentes períodos. A pergunta norteadora do levantamento está na esfera do “como” inserir o aluno no atual cenário do jornalismo de modo a manter ativo o papel da imprensa na constituição das sociedades democráticas, nos parâmetros propostos pelo professor Philip Meyer (2007).

2 INOVAÇÕES NA NARRATIVA JORNALÍSTICA EM TEMPOS DE CONVERGÊNCIA

|159

O termo “disrupção” foi pioneiramente apontado em 1995 pelos professores da Universidade de Harvard Clayton Christensen e Joseph Bower, para, no âmbito da Administração, apontar inovações que oferecem produtos acessíveis e criam um novo mercado. No campo da Comunicação Social, tecnologias disruptivas têm provocado uma revolução e levado empresas do setor a uma crise sem precedentes, com acentuada queda do número de assinaturas e das vendas em banca, bem como das receitas publicitárias, resultando em demissões de jornalistas e lançamento de novos produtos, passando por investidas no campo da publicidade nativa e por ações multimidiáticas, pelas redes sociais ou veiculação de vídeos produzidos pelas próprias publicações (REIS, 2015)

Nos últimos 21 anos, esse cenário tem levado a calorosos debates na academia e nas empresas de comunicação. A primeira reação foi, na maioria dos ambientes, de desdém sobre os efeitos da disrupção. Afinal, no primeiro

³ A experiência integra a pesquisa sobre a disrupção do jornalismo desenvolvida pelo autor como bolsista do programa de Pesquisa e Produtividade da UNESA (2015/2016).

A disrupção das práticas em laboratório no ensino de Jornalismo

momento, predomina a qualidade inferior na comparação com a cadeia tradicional. Basta recordar como o *YouTube*, ativado em 15 de fevereiro de 2005, foi recebido pelos estúdios de cinema e redes de televisão. Ninguém apostava que vídeos feitos em casa, pelo telespectador, iriam tirar das salas de cinema e da frente da TV milhares de pessoas e que, em um espaço curto de tempo, a rede se tornaria um canal de *vampirização* de conteúdos da cadeia tradicional de audiovisual. Quem diria também que câmeras digitais, menosprezadas por fotógrafos profissionais, pela qualidade inicialmente inferior na comparação com as tradicionais, iriam substituir totalmente, nas redações jornalísticas, as máquinas que usavam filmes e os laboratórios que revelavam esses filmes?

Cabe recorrer à teoria da convergência (JENKINS, 2009) para compreender e pontuar estratégia possível para o grupo de docentes dos laboratórios dos cursos de Jornalismo tirar proveito da era digital e, assim, superar questões operacionais na produção de conteúdo. No mesmo movimento é possível aproximar a atividade laboratorial convergente da atividade profissional executada atualmente pelos grupos de comunicação, identificando, inclusive, os impactos desse processo na narrativa jornalística. Tais impactos não são novidade na história do jornalismo e devem ser discutidos em sala, nos parâmetros que serão expostos a seguir.

Ao observar os meios de comunicação social ao longo da história, constata-se que a narrativa jornalística evolui em função de novas tecnologias em etapas, indo de uma forma e modelos específicos para outros, passando antes, porém, por um período de transição e até de indefinição chamado de remediação. O resultado final é a convergência da narrativa, que, no período mais recente, desperta interesse no tocante à crossmídia e à transmídia. É como define Henry Jenkins em sua obra referencial *Cultura da convergência*: "tecnologias midiáticas não morrem ou são substituídas, mas sim são incorporadas e transformadas por novas tecnologias e práticas culturais." (JENKINS, 2009, p. 25-51). É nesse ambiente contemporâneo que os laboratórios de prática jornalística estão inseridos e precisam dar conta, sob o risco de o ensino ficar descolado da prática profissional efetiva, marcada pelo novo cenário midiático sobre o fazer jornalístico (KISCHINHEVSKY, 2009), pelo

jornalismo na era do celular (FIDALGO; CANAVILHAS, 2009) e pela produção colaborativa de notícias (CASTILHO; FIALHO, 2009).

Os professores norte-americanos Jay Bolter e Richard Grusin (2000) são os formuladores do conceito de remediação. Segundo eles, o “desejo de urgência leva à apropriação e à recriação de gêneros tradicionais”, resultando no reaproveitamento de formas e conteúdos de um meio para outro, uma vez que o “meio ambiente midiático está se proliferando mais rapidamente do que nossas instituições culturais, educacionais e legais podem lidar” (BOLTER; GRUSIN, 2000, p. 4), criando uma etapa anterior ao processo de convergência. Esse pensamento é a base teórica que fundamenta toda a ideia de integração dos diferentes laboratórios práticos dos cursos de Jornalismo, filiando tal proposta à história da evolução da profissão. Cabe, portanto, uma maior reflexão sobre tal base de teorias.

A origem do conceito remediação está em Marshall McLuhan que, analisando as transformações dos meios de comunicação na década de 1960, notou uma hibridização, ou seja, o encontro de dois meios em um novo (DEL BIANCO, 2008, p. 1). Buscando exemplos com base na teoria de rádio (GONZÁLEZ, 1996, p. 49), é possível explicitar os conceitos de remediação e de convergência nos chamados jornais falados. Nos primórdios do meio radiofônico, as transmissões seguiam centradas na voz humana, relegando para o segundo plano outros elementos sonoros, como o silêncio, o ruído e a música, entre outros. Assim, o rádio fazia uma remediação do texto impresso (linguagem escrita) para a voz dos locutores (linguagem oral), sendo marcante a leitura de notícias dos jornais impressos nas transmissões radiofônicas nesse período de transição. O rádio se encontrava, então, entre o escrito e o falado. Como o segundo logo se apresentou como o mais adequado, o rádio convergiu para narrativa própria e mais complexa, integrando a voz à música, ao ruído e ao silêncio, criando as chamadas imagens auditivas (BELSEBRE, 2005, p 333).

Não se tratou da pura e simples mistura de efeitos sonoros, mas, sim, de uma harmonização dessa nova linguagem, marcando a convergência para o que se concebe como narrativa radiofônica, que hoje já transcende o laboratório de radiojornalismo, tendo que ser retomada no laboratório de *Práticas de Jornalismo Multimídia* em função das exigências do ensino sobre práticas

A disrupção das práticas em laboratório no ensino de Jornalismo

crossmidiáticas e transmidiáticas. Nada justifica, portanto, não integrar esses dois laboratórios nos cursos de Jornalismo.

O mesmo ocorreu com a televisão que, nos primórdios, remediava a imagem já explorada pela fotografia (mesmo que em novo formato) e a linguagem radiofônica, até convergir para o que conhecemos como narrativa televisiva, com a linguagem sonora se apoiando totalmente na imagem e se limitando a adicionar o que não está sendo visto nas cenas e fornecendo detalhes que os telespectadores não descobrirão com a simples contemplação da tela durante o telejornal. Tal situação, já consagrada no cotidiano do jornalismo televisivo, discute-se nos laboratórios de telejornalismo e também é retomada nos laboratórios de *Práticas de Jornalismo Multimídia*, no atual cenário em que transmissões ao vivo pelo *Facebook* se apresentam como fator relevante nas práticas desenvolvidas por emissoras de TV (MUSSE; THOMÉ, 2016, p. 5).

162 | Cabe voltar aos professores Bolter e Crusin para explicitar que o processo de remediação, que resultará na convergência, não se dá uniformemente, mas, sim em quatro modos principais: direto; enfatizando a diferença; por absorção e agressivo.

A remediação direta define quando o texto é transposto de um meio para outro sem aparente crítica, a partir apenas da adequação da linguagem. É o que Henry Jenkins define, dentro do universo da cultura da convergência, como crossmídia, palavra que conceitua as “mudanças tecnológicas, industriais, culturais e sociais no modo como as mídias circulam em nossa cultura. [...] uma situação em que múltiplos sistemas midiáticos coexistem e em que o conteúdo passa por eles fluidamente.” (JENKINS, 2009, p. 332).

Retornando às práticas laboratoriais dos cursos de Jornalismo, é colocar certa entonação na voz quando se vocaliza, no rádio, a notícia impressa no jornal. É também quando se digitaliza uma foto antiga, ainda impressa em papel fotográfico, para postagem na *fanpage* da disciplina de fotografia.

Quando enfatiza a diferença, a remediação se difere por incorporar algumas das propriedades específicas do novo meio. No rádio, é quando se dramatizava textos literários, dando voz dos atores aos personagens radiofonizados. É também quando a edição diária do jornal impresso é

oferecida digitalizada em versão para tablets, permitindo a navegação dentro do texto por mecanismos de busca eletrônica e permitindo também a personificação do modo de leitura, aumentando o tamanho das fontes tipográficas, interferindo diretamente no consumo da notícia jornalística por parte do público leitor. É uma característica que se encontra no universo crossmidiático de Jenkins e que se percebe nos grupos de comunicação contemporâneos com muita facilidade.

Os dois últimos tipos de remediação são os que levam à convergência total, como exemplificado acima na abordagem da evolução da narrativa radiofônica. A remediação por absorção ocorre com o início do apagamento do meio original, criando nova lógica narrativa, com a leitura no rádio de notícia impressa no jornal como mote para um comentário improvisado de um jornalista-âncora durante o jornal falado radiofônico. Ou um livro infantil multimídia, que mescla o texto com narrativas orais, exibição de vídeos e, até mesmo, libera o leitor para escolher o final que mais lhe agrada.

Já a remediação agressiva apaga a mídia original, reorganizando a narrativa dentro de novos padrões. Tal mudança fica evidente quando se compara o texto de uma reportagem impressa em jornal com o do repórter de rádio entrando ao vivo na programação, contando de forma improvisada o que está ocorrendo sem ler um texto prévio. Quando essas duas últimas remediações incluem o afastamento total da base original ocorre a consolidação de nova linguagem, de nova narrativa jornalística, marcada pelo fim das fronteiras entre os meios, cenário que tem que ser levado em conta nos laboratórios de *Jornalismo Impresso*, de *Radiojornalismo*, de *Telejornalismo* e de *Práticas de Jornalismo Multimídia*.

Usando as considerações dos professores Ramon Salaverria e Samuel Negredo (SALAVERRÍA; NEGREDO, 2008), é quando, por exemplo, uma notícia do jornal impresso que, nos primórdios, seguia sem alterações para o site (*shovelware*) e que, agora, é postada de forma adaptada, sendo feita de acordo com o novo suporte (*repurposing*), o que prevê ilustração com vídeo (que pode ter sido enviado por um leitor à redação pelo aplicativo *WhatsApp*) e um gráfico multimídia.

A disrupção das práticas em laboratório no ensino de Jornalismo

Trata-se da consolidação de fenômeno já previsto pelo cientista político Ithiel de Sola Pool, em seu livro *Technologies of freedom*, de 1983, quando cada mídia ainda mantinha função distinta uma das outras na sociedade, conforme citação feita por Jenkins (2009, p. 35). Jenkins vai chamar Pool de profeta da convergência, um movimento que tem, como exemplo, a chegada da crônica à televisão brasileira. Esse gênero textual, entre o jornalismo e a literatura, migra dos jornais para o rádio na forma de remediação direta ou crossmidiática, formando narrativa diferenciada por ser oral, mas sem mudar a forma original do relato escrito, o que recentemente passou a ser considerado pela fortuna crítica como “literatura de ouvido” (THOMÉ, 2015, p. 142). Quando a crônica chega à televisão, o relato oral se mescla com as cenas em movimento que complementam o texto, com silêncios e ruídos e com efeitos gráficos. Assim, esse gênero converge para outra narrativa, migrando definitivamente para o novo, um novo cenário narrativo totalmente inserido na chamada cultura da convergência de Jenkins: “situação em que múltiplos sistemas midiáticos coexistem e em que o conteúdo passa por eles fluidamente.” (2009, p. 333).

164 |

E como levar esse cenário em plena transformação para dentro da sala de aula? E como tirar proveito desse cenário na sala de aula? Essas são, sem dúvida, questões que esquentam os debates nas disciplinas práticas dos cursos de Jornalismo e devem provocar mudanças nas rotinas em sala, como se pretende exemplificar e analisar abaixo.

3 EXPERIÊNCIA CROSS E TRANSMIMIDIÁTICA EM LABORATÓRIOS DE JORNALISMO

Como dito na introdução deste trabalho, o presente relato se baseia na experiência desenvolvida no primeiro semestre de 2016 com os alunos dos laboratórios de *Planejamento Gráfico em Jornalismo* e de *Práticas de Jornalismo Multimídia*, do curso de Jornalismo do Campus João Uchôa, da Universidade Estácio de Sá no Rio de Janeiro (UNESA/RJ). A proposta dos dois laboratórios foi, a partir de um jornal impresso elaborado como trabalho final do laboratório de *Planejamento Gráfico em Jornalismo*, produzir e distribuir conteúdo complementar no trabalho final do laboratório de *Práticas de Jornalismo*

Multimídia. Um aplicativo para celular, um canal de áudio no *Radiotube*, um canal de vídeo no *YouTube*, e um site foram os meios de distribuição multimidiáticos escolhidos. O conteúdo de todos os produtos foi baseado em relatos de alunos formados no Campus João Uchôa da UNESA/RJ sobre como conquistaram seus espaços no mercado profissional. Buscou-se evitar ao máximo usar estúdios profissionais montados na instituição, de modo que o grupo de alunos experimentasse soluções criativas e pessoais para os problemas surgidos na produção.

No âmbito da cadeia tradicional do jornalismo, os alunos do laboratório de *Planejamento Gráfico em Jornalismo* foram reunidos em um grupo fechado do *Facebook*, que simulou uma redação virtual de jornal impresso a custo zero. Eles foram divididos em funções, cabendo aos alunos designados como chefe de reportagem, editor e secretária gráfica a coordenação de todo o processo.

Os estudantes-repórteres foram orientados a fazer as entrevistas para o jornal impresso, gravando com celular, em vídeo, todos os depoimentos. Receberam as orientações de procedimento de gravação, de modo que o conteúdo produzido pudesse ser usado por colegas do laboratório de *Práticas de Jornalismo Multimídia*. A orientação postada foi a seguinte:

Queridos alunos, [...] como nem todos têm experiência em gravar vídeos em mobile, seguem uns tutoriais interessantes feitos por igreja e por telejornal: <https://youtu.be/O k-GUGHap0> e do g1: "O arquivo de vídeo deve ter, no máximo, 50 MB, e um dos seguintes formatos: 3g2, 3gp, 3gp2, 3gpp, asf, avi, divx, dv, dvx, f4v, flv, h263, m4e, m4v, wmv, mov, movie, mp4, mpg, mpeg, qt e rm." Dicas: o ideal é gravar o vídeo com o celular deitado, porque a imagem ocupa toda a tela e aparece por inteiro; na hora de enviar o vídeo ou a foto, não se esqueça de escrever também algumas informações. É muito importante acrescentar também o nome da rua e do bairro onde a imagem foi feita e alguns detalhes sobre o assunto.⁴

A secretária gráfica ficou encarregada de fazer, por e-mail, o levantamento de preços para impressão do jornal. Ela obteve retornos de todos os contados e observou imensa variação de preços, partindo de valores acima de R\$ 1 mil até atingir o valor previsto, abaixo dos R\$ 300 fixados no orçamento inicial. Ela foi orientada como proceder a partir da teoria discutida em sala.

⁴ Retirado do grupo fechado *Planejamento Gráfico e Editorial*, UNESA 2016.1, no *Facebook*; postagem de 2 de maio de 2016.

A disrupção das práticas em laboratório no ensino de Jornalismo

O levantamento de preços para edição de um jornal avulso requer definir:

1) O papel (o nosso será papel jornal. Veja mais em <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/.../papel-usado-jornais.h...>).

2) O tamanho (o nosso será tabloide: este formato é resultado da divisão do formato standard em duas partes, ou seja é a metade do formato. Cada página possui uma mancha gráfica de 26,5 centímetros horizontais por 29,7 centímetros verticais, embora, encontrarmos algumas variações de formato como: 28 x 38 cm, 29 x 40 cm. O papel total de duas páginas impressas é de 56 por 32 centímetros, o mesmo que uma única página standard impressa. O formato assume um aspecto cômodo, inclusive para encartes especiais ou cadernos suplementares de um formato standard, pelo encaixe perfeito entre os cadernos principais do jornal. Veja mais em <http://diagramacao.blogspot.com.br/.../formatos-de-jornais.h...>).

3) E a impressão? A nossa será em preto e branco. Número de exemplares? Quanto maior o número, menor será o preço unitário por exemplar. Vamos levantar preços de tiragens de 250, de 500, de 750 e de mil exemplares. Algumas gráficas só fazem de mil em diante. Ideal é orçar em jornais pequenos, com gráficas paradas em função das baixas tiragens que estão rodando em decorrência da atual crise do jornalismo impresso no país [...].

4) No orçamento solicitado, é necessário cobrar, além do preço e da forma de pagamento, como deve ser enviado o arquivo (em geral é PDF), como o jornal chegará em nossas mãos (ônibus ou entrega expressa) e o prazo para entrega, em dias úteis, a partir do pagamento do sinal.

[...] nesse mercado há muita gente machista e o seu relato será fundamental para abolirmos esse mito ou pensarmos formas de superá-lo. Você, como secretária gráfica, vai definir nossas datas para liberação dos originais.⁵

166 |

Após um mês de levantamento, a secretária gráfica alcançou a meta financeira prevista no orçamento inicial:

[...] 4 páginas
tabloide - (29,7 x 25 - área de mancha)
arquivo fechado
papel jornal
preto e branco
1.000 exemplares
R\$ 230,00
Orçamento válido por 15 dias.⁶

Os alunos-repórteres foram orientados a buscar relatos pessoais de profissionais formados pela Estácio, Campus João Uchôa, apurando como eles

⁵ Retirado do grupo fechado *Planejamento Gráfico e Editorial*, UNESA 2016.1, no *Facebook*; postagem de 27 de abril de 2016.

⁶ Retirado do grupo fechado *Planejamento Gráfico e Editorial*, UNESA 2016.1, no *Facebook*; postagem de 28 de maio de 2016.

conduziram suas formações na universidade para obter a colocação no mercado de trabalho. Foram citados exemplos de questionamento, tais como: quais estágios priorizaram? Como administraram as atividades complementares? Como tiram proveito das disciplinas cursadas e do *network* em curso presencial? Como foram recebidos no mercado de trabalho? Quais competências foram exigidas? Quais planos daqui para frente?

A turma foi dividida em funções da cadeia tradicional: editor (1), pauteiro/chefe de reportagem (1), subeditores (4), diagramadores (2), fotógrafos (2), infografista (1), repórteres (4), redatores (4), secretária gráfica (1) e revisores (3), com bom texto final. Pelo grupo no *Facebook*, os repórteres foram avisados (em postagem no dia 27 de abril) que as entrevistas seriam gravadas em vídeo, por celular, e disponibilizadas no Facebook e em pen drive. A atividade foi explicada assim:

A proposta é termos bons produtos em vídeo (bom áudio, boas imagens, fundos inteligentes atrás do entrevistado) para um canal no *YouTube*, um aplicativo e um site, em áudio para um site e um aplicativo, em hipertexto com links multimídia para o site e um game para o aplicativo. Claro que essa parte ficará com a outra turma (Práticas de Jornalismo Multimídia), mas vou manter vocês informados sobre tudo. A outra turma me fez questionamentos que respondi assim:

1) Vamos entrevistar profissionais formados pela Estácio, no campus João Uchôa.

2) Jornalismo, Medicina, Direito e Educação Física já estão com vocês, do Planejamento Gráfico. A proposta é fazer um jornal tabloide, preto e branco, e ceder vídeos com as entrevistas para a nossa turma de Práticas de Jornalismo Multimídia. Esse tabloide crossmediaticamente vai para nosso site.

A proposta de nosso jornal é termos um lidão de abre, com ótima foto, e reunindo tudo de comum dito pelos nossos quatro entrevistados. Dentro vamos publicar três entrevistados na forma de reportagens. [...] Todas as entrevistas em vídeo devem ser feitas até 12 de maio. Vamos fechar o jornal até 31 de maio (para permitir a ação em Multimídia). A secretária gráfica vai definir nossas dadas para liberação dos originais.⁷

O jornal ficou pronto com atraso de uma semana no calendário previsto, sendo diagramado em PC doméstico, usando o programa *Adobe InDesign*, software da *Adobe Systems* desenvolvido para diagramação e organização de páginas de jornais, criado para substituir o *Adobe PageMaker*.

⁷ Retirado do grupo fechado *Planejamento Gráfico e Editorial*, UNESA 2016.1, no *Facebook*; postagem de 27 de abril de 2016.

A disrupção das práticas em laboratório no ensino de Jornalismo

FIGURA 1 – CAPA DO JORNAL TABLÓIDE *UCHÔA FAVORÁVEL*



168

FONTE: Laboratório de Planejamento Gráfico e Editorial, UNESA 2016.1

Paralelamente, o grupo de alunos do laboratório de *Práticas de Jornalismo Multimídia* foi orientado, em outro grupo fechado criado no *Facebook* especificamente para eles. Nele foram compartilhados textos referenciais citados neste artigo, que embasaram um debate tanto em sala de aula quanto nos grupos fechados da rede social da turma.

Depois de apresentar a proposta pelo grupo no *Facebook*, seguindo como foi feito com os alunos do laboratório de *Planejamento Gráfico em Jornalismo*, foram indicados e detalhados os passos para uso de facilitadores gratuitos para montagem de aplicativos, blogs, sites, canais de distribuição de áudio, como o *Radiotube*, e vídeo, como o *YouTube*. Foi essa turma que batizou

o aplicativo de *Uchôa Favorável*.⁸ O nome seria usado no título do jornal impresso, numa ação crossmidiática inicial.

O primeiro passo foi discutir a navegabilidade por aplicativos de conteúdo jornalístico e, a partir de desenvolvedores gratuitos, experimentar layouts e usabilidades, inicialmente *linkados* ao blog do curso de Jornalismo do Campus João Uchôa da Estácio já existente. A discussão em sala se prolongou no grupo do *Facebook*.

A turma optou por usar o desenvolvedor *Fábrica de Aplicativos*⁹ e, após cada aluno defender sua proposta em sala de aula, uma foi abraçada pelo grupo. A usabilidade do aplicativo envolveu link com central de estágios da UNESA e com o Centro de Integração Empresa Escola do Rio de Janeiro (CIEE-RJ), além da exibição de vídeos que estavam sendo produzidos pelo laboratório de *Planejamento Gráfico* e editados pelos alunos do laboratório de *Práticas de Jornalismo Multimídia*.

FIGURA 2 – IMAGEM DO APLICATIVO UCHÔA FAVORÁVEL



FONTE: Laboratório de Práticas de Jornalismo Multimídia, UNESA 2016.1

⁸ Inspiração no funk do compositor paulista Jefferson Cristian dos Santos Lima, MC Bin Laden, intitulado *Ta tranquilo, ta favorável*, que fora lançado no fim de 2015 e deu projeção nacional ao músico no primeiro semestre de 2016.

⁹ Disponível em: <<http://fabricadeaplicativos.com.br/>>. Acesso em: 2 dez. 2016.

A disrupção das práticas em laboratório no ensino de Jornalismo

Paralelamente à produção de aplicativos, os alunos foram orientados a desenvolver site, canais no *YouTube* e *Radiotube*, além de game, para abrigar e distribuir o conteúdo produzido pelo laboratório de *Planejamento Gráfico e Editorial* e por eles, no laboratório de *Práticas de Jornalismo Multimídia*. Os discentes foram divididos em grupos, de modo a produzirem produtos em vídeo (para o canal no *YouTube*, um aplicativo e um site), em áudio (para o site, *Radiotube* e o aplicativo), em texto para o site, e um game, exclusivamente para o aplicativo.

O aplicativo ficou com o aluno que melhor desenvolveu a atividade em sala, usando a ideia dele de atrair leitores via oferta de estágios. A turma decidiu ampliar a oferta de estágios e colocar o game, com chamada dirigida de forma direta para o público-alvo: "Você está agindo certo na graduação?" ou "Avalie suas chances de obter um emprego após formado". O aluno responsável pelo aplicativo foi orientado a colocá-lo no *Facebook* para todos sugerirem adaptações e melhorias.

Uma das alunas se posicionou para coordenar os vídeos por já ter concluído, com ótimo aproveitamento, o laboratório de *Telejornalismo*. Foi ela quem fez os questionamentos que posteriormente seriam apresentados com respostas aos alunos do laboratório de *Planejamento Gráfico e Editorial*.

1) Vamos entrevistar profissionais formados pela Estácio campus João Uchoa [...].

3) Temos as licenciaturas, Enfermagem, Psicologia e os cursos de Ead para cobrir porque ficaram de fora do jornal impresso. Não precisamos fazer todos, mas gosto de Administração, por exemplo. Os cursos todos estão no link <http://portal.estacio.br/.../rj/rio-de-janeiro/joao-uchoa.aspx>.¹⁰

Um aluno, com ótimo aproveitamento no laboratório de *Radiojornalismo*, foi indicado para coordenar o pessoal do rádio e outros dois, o site, uma vez que eles também alcançaram bom aproveitamento no laboratório de *Redação e Produção para Web*. Todos foram indicados por, além do bom aproveitamento nos laboratórios, vivenciarem estágio acadêmico com os dois meios. Os que coordenaram o site foram selecionados ainda após montagem de site em sala

¹⁰ Retirado do grupo fechado *Planejamento Gráfico e Editorial*, UNESA 2016.1, no *Facebook*; postagem de 27 de abril de 2016.

de aula, usando desenvolvedores gratuitos, como o *Wix*. O grupo discutiu, ainda, as formas de montar o site, pensando, na montagem, em todos os passos para a chamada otimização dos Motores de Busca (em inglês, *Search Engine Optimization*) ou SEO. Eles foram levados a construir conhecimento além da teoria, buscando mais informações na própria web.

A orientação central indicou que o material em vídeo, feito em *mobile*, era a base que uniria todas as plataformas de distribuição, mas que cada uma devia ter um elemento próprio para contar e complementar outra mídia. Ou seja, é partir da mediação, com o jornal impresso, para atingir a remediação dessas entrevistas em produtos em vídeo e áudio e levar a uma ação crossmidiática, com site, canais no *YouTube* e *Radiotube*.

A atividade em sala apontou para compreensão, na prática, dos conceitos de crossmídia e de transmídia e para importância do trabalho em equipe na rotina jornalística cotidiana, que cada vez mais reúne profissionais de diferentes meios, funções e competências. Reuniões de pauta, apuração em campo e edição de vídeos e de áudios (retirados dos vídeos) marcaram a atividade prática.

O site indicou links para as outras mídias:

FIGURA 3 – IMAGEM DO SITE *UCHÔA FAVORÁVEL*



FONTE: Laboratório de Práticas de Jornalismo Multimídia, UNESA 2016.1

O aplicativo abrigou o game:

A disrupção das práticas em laboratório no ensino de Jornalismo

FIGURA 4 – IMAGEM DO APLICATIVO *UCHÔA FAVORÁVEL*, COM LINK PARA O GAME

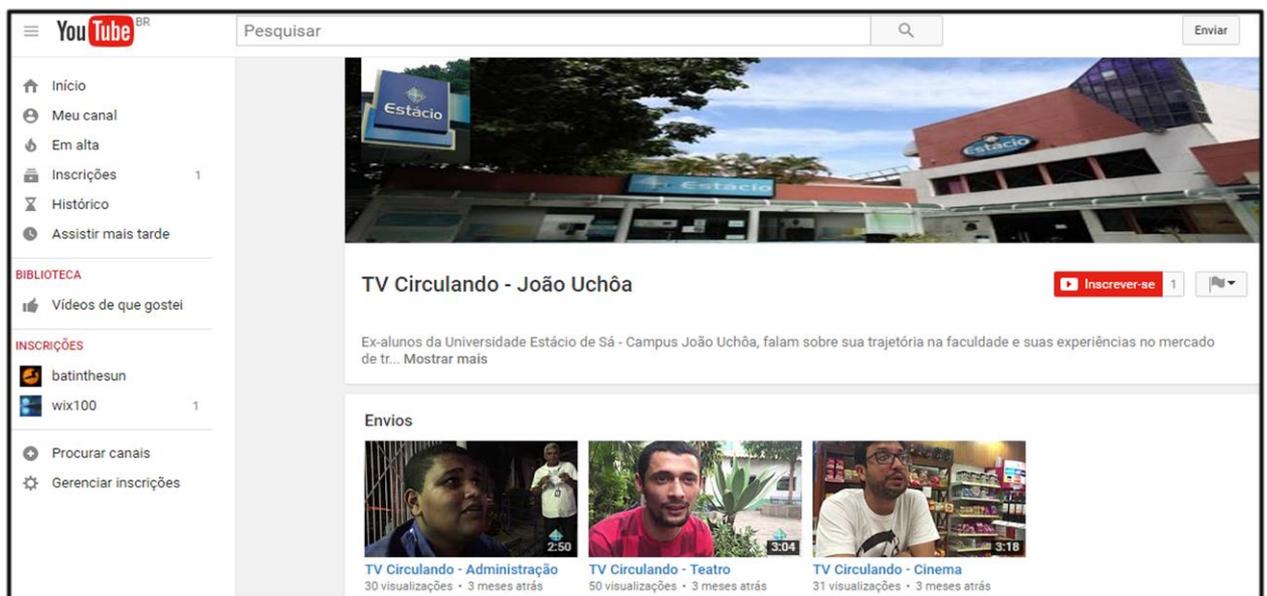


FONTE: Laboratório de Práticas de Jornalismo Multimídia, UNESA 2016.1

172

No *YouTube*, foi aberta outra plataforma de distribuição, propositalmente com nome *TV Circulando – João Uchôa*, diferente do *Uchôa Favorável*, para não se sobrepor aos outros meios nos buscadores da web.

FIGURA 5 – IMAGEM DO CANAL NO *YOUTUBE TV CIRCULANDO – JOÃO UCHÔA*



FONTE: Laboratório de Práticas de Jornalismo Multimídia, UNESA 2016.1

No *Radiotube* foi aberto outro canal de distribuição, também renomeado.

FIGURA 6 – IMAGEM DO CANAL *RADIOTUBE* #ESCUTAQUI DA UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ



FONTE: Laboratório de Práticas de Jornalismo Multimídia, UNESA 2016.1

Após muita discussão em sala de aula, o game ficou no modelo perguntas e respostas, no formato *quiz*.

FIGURA 7 – IMAGEM DE DIVULGAÇÃO DO QUIZ *DESCUBRA O SEU#RUMO*



FONTE: Laboratório de Práticas de Jornalismo Multimídia, UNESA 2016.1

A disrupção das práticas em laboratório no ensino de Jornalismo

A produção ocorreu em paralelo a discussões sobre a aplicabilidade da experiência laboratorial na atividade efetiva da carreira jornalística, em seu momento de grande transformação e lançamento de novos produtos midiáticos. O objetivo foi manter os alunos informados das transformações em curso e identificá-las nas atividades dos laboratórios integrados.

Por fim, alunos dos dois laboratórios foram levados a postar comentários sobre as dificuldades e saídas encontradas para o lançamento dos produtos e na integração dos laboratórios de práticas profissionais em jornalismo, refletindo sobre a relação deles com a base teórica discutida em sala, em uma construção de conhecimento a partir da prática laboratorial integrada em sala de aula, de forma atendida com as mudanças na profissão, utilizando para a elaboração dos produtos o ambiente também virtual. Assim, em tempos de convergência, os alunos dos laboratórios puderam vivenciar novos espaços de produção, em que o fazer jornalístico e a distribuição dos produtos passam pelo novo ambiente midiático.

174 |

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo de caso, aqui relatado, permite afirmar que a produção de conteúdo jornalístico prático em diferentes laboratórios dos cursos de Jornalismo ou Comunicação Social precisa e tem como ser integrada, de modo a refletir a disrupção da produção jornalística na contemporaneidade. Revela ainda que o atual momento de expansão das redes sociais traz facilidades para distribuição de conteúdos produzidos pelos estudantes para além da sala de aula, sobretudo no tocante aos custos. A partir desse estudo detalha-se uma estratégia para docentes tirarem proveito da era digital para superar tais questões operacionais, usando como aliadas plataformas gratuitas de distribuição em texto, áudio e vídeo.

Ou seja, a partir do fato segundo o qual a própria indústria jornalística passa por um processo de disrupção, o relato indica um modelo de baixíssimo custo financeiro capaz de garantir a produção de qualidade em sala de aula e sua distribuição, aliada a uma experiência crossmidiática e uma experimentação transmidiática para os estudantes matriculados em laboratórios diferentes de

prática profissional, o que atualmente representa um desafio para os cursos de Jornalismo ou de Comunicação Social.

O resultado da experiência relatada neste trabalho encontrou como entraves, relacionados pelos próprios alunos, o *deadline* apertado, em função de os laboratórios serem cursados em um semestre letivo, e a exigência de complementar as atividades pedidas fora de sala de aula e em dias de folga dos estágios, como feriados. Quanto aos facilitadores gratuitos, as queixas foram relacionadas à escassez de recursos técnicos e à limitação das ferramentas disponibilizadas gratuitamente.

Os alunos relataram ainda que as atividades colaboraram para o melhor entendimento sobre como funciona um grupo de comunicação que trabalha com todas as mídias e sobre a complexidade de ações que apontem para crossmidialidade e para transmidialidade, o que se agrava, segundo eles, com todas as atividades tendo que ser obrigatoriamente desenvolvidas em grupo em diferentes laboratórios de prática profissional, uma obrigação que está presente no momento atual do mercado de trabalho jornalístico.

Por fim, a experiência comprova a viabilidade da distribuição de conteúdo jornalístico das universidades, que pode ser um contraponto às produções de veículos hegemônicos, abrindo possibilidades de uma pluralidade de informações e angulações, aliando o pensamento crítico do meio acadêmico à prática de produção e distribuição de conteúdo dos alunos de Jornalismo ou de Comunicação Social, 

REFERÊNCIAS

BALSEBRE, Armand. A linguagem radiofônica. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). **Teorias do rádio: textos e contextos**. Florianópolis: Insular, 2005. (v. 1).

BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. **Remediation**. Massachusetts: MIT Press, 2000.

Castilho, Carlos; FIALHO, Francisco. **O jornalismo ingressa na era da produção colaborativa de notícias**. In: RODRIGUES, Carla (Org.). **Jornalismo online: modos de fazer**. Porto Alegre: Sulina; Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2009.

CHRISTENSEN, Clayton M.; BOWER, Joseph L. Disruptive technologies: catching the wave. **Harvard Business Review**, Cambridge, v. 73, n. 1, p. 43-53, jan./fev. 1995.

DEL BIANCO, Nélia R. **Remediação do radiojornalismo na era da informação**. Covilhã: Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2008.

A disrupção das práticas em laboratório no ensino de Jornalismo

FIDALGO, António; CANAVILHAS, João. Todos os jornais no bolso: pensando o jornalismo na era do celular. In: RODRIGUES, Carla (Org.). **Jornalismo online: modos de fazer**. Porto Alegre: Sulina; Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2009.

GONZÁLEZ, Jaime Puig. **La rádio**. Barcelona: Rosaljai S.L., 1996.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Convergência nas redações: mapeando os impactos do novo cenário midiático sobre o fazer jornalístico. In: RODRIGUES, Carla (Org.). **Jornalismo online: modos de fazer**. Porto Alegre: Sulina; Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2009.

MCLUHAN, Marshall; CARPENTER, Edmund. **Revolução na comunicação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

MEYER, Philip. **Os jornais podem desaparecer?** Como salvar o jornalismo na era da informação. São Paulo: Contexto, 2007.

MUSSE, Christina; THOMÉ, Claudia. Telejornalismo e redes sociais: as narrativas do "eu" e a customização da notícia no "GloboNews em Pauta". In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 14., 2016, Palhoça. **Resumos...** Palhoça: SBPJor, 2016. Disponível em: <<http://sbpjour.org.br/sbpjour/wp-content/uploads/2016/10/Programac%CC%A7a%CC%83o-trabalhos.pdf>>. Acesso em: 2 dez. 2016.

176 |

POSTMAN, Neil. The humanism of media ecology. **Proceedings of the Media Ecology Association**, Nova York, v. 1, p. 10-16, jun. 2000. Disponível em: <http://www.media-ecology.org/publications/MEA_proceedings/v1/postman01.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2016.

REIS, Marco Aurelio. Crise leva o jornalismo impresso do Rio a reinventar seu negócio. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v. 5, n. 17, p. 219-234, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://www.fnpj.org.br/rebej/ojs/index.php/rebej/article/viewFile/422/262>>. Acesso em: 1 jan. 2016.

SALAVERRÍA, Ramón; NEGREDO, Samuel. **Periodismo integrado: convergencia de medios y reorganización de redacciones**. Barcelona: Editora Sol 90, 2008.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002.

THOMÉ, Cláudia de Albuquerque. **Literatura de ouvido: crônicas do cotidiano pelas ondas do rádio**. Curitiba: Appris, 2015.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. São. Paulo: Bookman, 2001.